
Memória e campo jornalístico: um estudo sobre a problemática da televisão enquanto lugar de memória¹

Núbia da Cunha SIMAO²
Ângela Teixeira de MORAES³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo tem como proposta evidenciar a problemática da televisão enquanto lugar de memória, diante da perspectiva da cultura da memória e de campo, em especial o jornalístico. Parte-se da questão central: como a televisão, numa sociedade perpassada por disputas simbólicas, media a memória? Utiliza-se da metodologia de pesquisa bibliográfica com Andreas Huyssen para discutir a cultura da memória, a importância da narrativa televisiva enquanto campo de disputas de poder, a partir das leituras de campo de Pierre Bourdieu, problematizando a televisão, como lugar de memória, por Pierre Nora e Marialva Barbosa. Também reflete sobre os mecanismos de produção dependentes de altos investimentos financeiros e de conteúdo, tais como a busca pelo “furo jornalístico” e o agendamento de conteúdo por outras emissoras. Desvela-se como a televisão ritualiza aquilo que deve ser lembrado e esquecido, influenciando o futuro e apresentando-se tanto uma falsa sensação de comunicação, como de guardião das memórias.

PALAVRAS-CHAVE: cultura da memória, campo jornalístico, televisão, lugar de memória

Uma introdução à necessidade humana e suas intencionalidades, entre lembranças e apagamentos

O ser humano sempre buscou compreender a sua existência, a consciência de si, entendida aqui enquanto relação direta com sua duração, tempo de vida e de experiência consigo e com o todo, por meio daquilo que se denomina memória. A memória é requisito essencial de inteligibilidade e, portanto, sobrevivência da humanidade. Para Halbwachhs (1990), a lembrança relaciona-se sempre à estrutura social, e a determinados quadros sociais, mesmo quando aparentemente trata do indivíduo. “É por ter em vista uma ação no presente que o indivíduo busca, no passado, exemplos suscetíveis de legitimá-la” (Todorov, 2002, p.151). E tal legitimação, comprova em si, a memória “como um processo social e coletivo que garante não apenas unidade aos grupos, mas evidencia confrontos, relações de poder” (Bonsanto, 2014, p. 14). Sua visão está sempre relacionada a determinada estrutura política, econômica e cultural.

¹Trabalho apresentado no GP 16 Estudos de Televisão e Televisualidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás FIC- UFG, Especialista em Economia pela Universidade Estadual de Goiás, Jornalista graduada na Faculdade de Informação e Comunicação na Universidade Federal de Goiás FIC- UFG, Economista graduada pela Universidade Estadual de Goiás –UEG. Docente do curso de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Professora Pesquisadora Pró-reitoria de Extensão e Pesquisa- PROPE- PUC-GO. Coordenadora do Programa de Extensão em Direitos Humanos- PUC-GO.. E-mail: nubiasimao@gmail.com.

³ Professora doutora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Email: atmoraes@ufg.br

Além disso, convém assinalar que o ser humano percebe de si e de tudo o que o rodeia apenas “rastros, farrapos, vestígios, trabalhos, traços de um passado que se reatualiza no presente” (Barbosa, 2004, p. 01).

Isso porque a memória está na sociedade e constrói-se nas relações em sociedade. Sendo coletiva, é elemento essencial para toda organização humana, funcionando como vínculo. Assim, não basta evocar, é preciso reconstruir. E “não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem do acontecimento passado, para ter uma lembrança é preciso fazer parte e ter feito parte de um mesmo grupo” (Halbwachs, 1990, p.39).

Sendo coletiva, a memória é, portanto, permeada por intencionalidades, especialmente as simbólicas (Simão, Apud Oliveira e Pessoa, 2013). “Sendo o homem um sujeito histórico, recordar é ato coletivo, ligado ao contexto social e ao tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada. A lembrança é a recordação de um tempo revivido” (Barbosa, 2004, p.9).

Neste artigo, adota-se a metodologia de revisão bibliográfica para desvelar o papel dos lugares de registro dessa memória, especialmente, no contexto do crescimento desenfreado de tecnologias de informação e comunicação. Esses aparatos ampliam, a cada instante, as possibilidades memoriais, e a televisão será o objeto recortado para o entendimento dessa perspectiva teórica. Para aprofundar tal discussão parte-se da questão problema: como a televisão, enquanto lugar de memória, numa sociedade perpassada por disputas simbólicas, media a memória?

Elege-se como objetivo geral evidenciar a problemática da televisão enquanto lugar de memória (Nora,1993; Barbosa, 2004), considerando a perspectiva teórica da cultura da memória (Huyssen, 2000). A necessidade deste tipo de estudo, justifica-se especialmente quando a excessiva busca por memoriais denota nossa incapacidade coletiva de lidar com o excesso de informações, proveniente do advento da tecnologia de informação globalizante.

Discute-se, sobretudo, a importância da narrativa televisiva enquanto campo de disputas simbólicas por poder, recorrendo-se também às leituras sobre campo (Bourdieu, 2007) e televisão (Bourdieu, 1997). Dessa forma, busca-se testar a hipótese de que discorrer sobre lembranças é falar de apagamentos, é antes de tudo falar de poder, poder de quem edita a memória. Poder do que é reforçado, do que é lembrado, de como é lembrado, de quando e de quanto se pode lembrar, e ainda para qual utilidade, neste caso, a manutenção da reprodução das estruturas sociais.

Televisão: do campo jornalístico aos lugares de memória

Às intencionalidades que permeiam as infinitas atividades internas aos grupamentos humanos em determinado local, físico ou não, Bourdieu (2007) deu o nome de campo. Dentre os inúmeros campos sociais que o sociólogo identificou, está o campo jornalístico. Tais intenções são evidentes nas disputas por poder, caracterizadamente simbólico, a que se denomina distinção. Em outras palavras, o reconhecimento pelos pares de identidade e valores que fazem determinado membro do grupo destacar-se e são signos perseguidos pelos demais, em busca de status. “Ao polo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado; ao polo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo” (Ortiz, 1983, p.22).

Dessa maneira, a comunicação se dá enquanto “interação socialmente estruturada”, isto é, os agentes da “fala” entram em comunicação em um campo onde as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas. O ouvinte não é o “tu” que escuta o “outro” como elemento complementar da interação, mas se defronta com o “outro” numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados ao nível da sociedade global (Ortiz, 1983, p.13).

Assim, é pertinente enfatizar que a memória depende da comunicação e esta sempre foi afetada pelas estruturas sociais, por disputas simbólicas e de poder entre agentes de determinado campo, seja daqueles que lembram ou de quem acessa determinadas lembranças, por meio da fala de outrem. Assume-se que não existe memória neutra, pois esta depende da comunicação entre os agentes de determinado campo, que já estão sujeitos a diversos dispositivos de poder.

Sobre tal representação deve-se observar que o campo de produção e distribuição das informações possui, assim “como os outros campos, mecanismos próprios que vão influenciar no tratamento dos dados obtidos, os quais nem sempre serão um exato reflexo da realidade ao chegarem ao conhecimento dos indivíduos” (SIMÃO, apud Oliveira e Pessoa, 2013, p. 185).

Especificamente, no campo da comunicação, não se trata de condenar a mídia televisiva e o campo jornalístico à produtora e reprodutora de desinformação, ou até mesmo à destruição da memória, mas de problematizar como os mecanismos do campo jornalístico influenciam este possível e efêmero lugar de memória. “Ao dar possibilidade a determinados assuntos e indivíduos, em detrimento de outros, a televisão colabora para que boa parte da sociedade tenha uma visão que nem sempre corresponde

à realidade e que por vezes não favorece a reflexão” (SIMÃO, apud Oliveira e Pessoa, 2013, p. 185).

Sobre as forças que atuam no campo jornalístico, convém assinalar que sua produção encontra-se sob critérios mercantis, ou seja, necessita para ocorrer de contínuos investimentos financeiros. Dessa forma, o jornalismo produz conteúdos tendo em vista dois públicos, muitas vezes diversos, a audiência, a quem se destina o produto comunicacional e os anunciantes, que juntos aos empresários financiam e controlam os recursos necessários à produção noticiosa. Isso torna a seleção memorial extremamente condicionada, seja em relação a assuntos de baixa audiência, seja de assuntos, cujo teor político, econômico, social ou até mesmo cultural, impactam direta ou indiretamente a reputação dos anunciantes e/ou dos proprietários dos meios de produção. Situação agravada quando a mídia, em questão é a televisão.

Compete ainda analisar os mecanismos próprios do campo jornalístico, tais como o “furo jornalístico”, no qual os veículos de imprensa, e especialmente da internet, rádio e televisão, lutam contra o tempo para dar a informação em primeira mão e o agendamento midiático, no qual o conteúdo se repete entre as emissoras, que sempre repercutem o que outras emissoras estão noticiando. Essas estruturas de produção corroboram com a problemática de que a visibilidade midiática, funciona como um suporte irreversível à memória social. (Bourdieu, 1997, p. 27)

Em busca de audiência e de financiadores para seu produto, os agentes da televisão enfrentam, além de necessidades financeiras para atualizar seu aparato tecnológico, a pressão do tempo de produção do conteúdo, que é diário e sem pausas, e a concorrência que disputa, muitas vezes, partes do mesmo público e anunciantes. O conteúdo produzido em velocidade extraordinária, não para de levantar pontos e provocar a memória de quem assiste. “A velocidade com que as informações associadas a imagens são repassadas gera uma falsa impressão de realidade e de comunicação” (Simão, apud Oliveira e Pessoa, 2013, p. 195).

Situação complexa quando se compreende que “a memória construída no presente pressupõe sempre uma ação futura. (...) É através da memória que se delinea, simboliza e classifica o mundo (...)” (Barbosa, 2004, p. 05). Sobre o campo jornalístico enquanto lugar de memória, observa-se ainda: “(...) o jornalismo seleciona e hierarquiza as informações tomando por base critérios subjetivos. A própria distribuição das notícias em eixos centrais de análise, onde informações em rubricas específicas

produzem uma classificação permanente do mundo social para o leitor, mostra esta tendência.” (Barbosa, 2004, p. 02)

As emissoras de televisão selecionam, editam e transmitem a seus públicos, a partir de uma lógica própria, aquilo que modifica algo, o “acontecimento” desde a morte de alguém, até um acidente que impede o fluxo do trânsito, ou mesmo uma mudança da cobrança de um imposto. Ao elevar determinado fato a “acontecimento”, “a mídia constrói o presente de maneira seletiva, construindo na atualidade a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido” (Barbosa, 2004, p. 04).

Para além dos mecanismos próprios ao campo jornalístico, das disputas por audiência ou da propriedade de tais veículos de comunicação, pensar a televisão enquanto lugar de memória é, sobretudo, problematizar a memória em relação a um presente, que se atualiza a cada novo acontecimento, e que indica caminhos para o futuro.

A influência da cobertura televisiva sobre a memória, a exemplo, “(...) se configura na televisão não apenas nas notícias do cotidiano, mas nas comemorações e nas cerimônias midiáticas” (Barbosa, 2004, p.10). As cerimônias televisivas tornam-se rituais da comunidade, observe como exemplos, a abertura da copa do mundo de futebol masculino, dos jogos olímpicos, a posse de um presidente da república, que são organizados para tornarem-se eventos cinematográficos. Busca-se na transmissão em tempo real, passar ao máximo um sentido de comunhão, partilha das mesmas experiências, com som e imagem da mais alta qualidade, para lembrar, mas também para esquecer daquilo que não está presente, construindo o futuro. Enquanto narradora do presente, a mídia televisiva ocupa um duplo lugar de memória, “os meios de comunicação se constituem não apenas em arquivos para o futuro, mas em arquivos permanentes do presente. E a narrativa não é mais apenas a mescla do ficcional com o informacional, mas a narrativa histórica do imediato” (Barbosa, 2004, p. 11).

Assim, como num passe de mágica, uma cerimônia de duas horas, transmitida ao vivo, é editada para apenas poucos segundos e direcionada ao esquecimento na certeza de que o registro foi feito, passando-se assim a construção de outros acontecimentos. “Nesse sentido, o passado é comemorado e construído como acontecimento restabelecendo uma lógica no qual pode ser utilizado concomitantemente ao presente, moldando uma realidade diferente daquela da transmissão direta” (Barbosa 2004, p.11). Desta forma, para compreender os mecanismos de construção das transmissões

mediáticas de determinados acontecimentos em detrimento de outros é necessário remontar o processo social da memória social, compreendida enquanto lugar de disputa de poderes nos diversos campos sociais, inclusive o jornalístico.

Neste artigo, busca-se evidenciar que a memória é transmitida pela comunicação empreendida por agentes sociais, cujo capital simbólico disputam poder dentro de determinado campo. Por isso, é fundamental compreender a mediação da memória pela televisão, numa sociedade que ainda a tem como referência para a reconstrução do passado e registro do presente. Assim, é possível perceber a necessidade de estudos e pesquisas cada vez mais aprofundadas sobre a televisão, enquanto lugar de memória. Isso porque, não se trata de afirmar que a televisão desinforma, mas que suas características financeiras e de produção, além de influenciar nas disputas simbólicas de outros campos, somam-se de maneira significativa à questão das cerimônias e dos rituais, que agendam os debates públicos e concedem poder a determinados agentes em detrimento de outros, atuando na construção contínua de lembranças e apagamentos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?** Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- _____. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** *Contracampo*, v. 35, n. 1, abril-jul, 2016.
- BONSANTO, André. **O presente da memória: uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'**. Jundiá: Paco Editorial, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A dinâmica dos campos**. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. P.212-240.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- _____. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, no 20. São Paulo: Educ, 1993.
- ORTIZ, Renato. **A procura de uma sociologia da prática**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-36 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SIMÃO, Núbia da Cunha. **O campo jornalístico: sobre a televisão e sua influência**. In: OLIVEIRA, João Ferreira de; PESSOA, Jadir de Moraes (orgs.). **Pesquisar com Bourdieu**. Goiânia-GO: Cãnone Editorial, 2013.
- TODOROV, Tzevetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.